

Artigos Livres

Acervo fotográfico: a difusão do patrimônio documental

Photographic collection: the dissemination of documental heritage

Tatiele Araujo da Costa¹ , Fernanda Kielling Pedrazzi¹ 

¹ Universidade Federal de Santa Maria , Santa Maria, RS, Brasil

RESUMO

A Fábrica Rheingantz, construída na cidade de Rio Grande, tornou-se relevante ao tema de pesquisa por sua importância e constância em páginas das redes sociais que falam sobre a história local. Assim, a escolha do tema apresentado foi construída a partir de uma pesquisa de Mestrado em Patrimônio Cultural, desenvolvida na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), e teve como objetivo demonstrar o potencial das redes sociais na difusão e rememoração da história a partir da divulgação do acervo fotográfico da Fábrica Rheingantz no grupo Fatos e Coisas de Antanho do Rio Grande (RS). O tema também contempla o patrimônio industrial da cidade de Rio Grande. No texto, apresenta-se o grupo, hospedado na rede social *Facebook*, objeto desta pesquisa, bem como traz a fundamentação teórica que dá base à temática da pesquisa. Os resultados, desenvolvidos a partir dos objetivos específicos desta pesquisa, abrangem o levantamento das fotografias que compreendem a temporalidade de 2017 a 2020 que atentem ao tema da Fábrica nas publicações, a análise da colaboração social do objeto desta pesquisa na disseminação da história da Rheingantz, a verificação dos recortes de relatos nas postagens, averiguando a relevância da difusão desta herança às novas gerações, e a produção de um catálogo seletivo das fotografias selecionadas enquanto produto de divulgação do acervo documental riograndino.

Palavras-chave: Patrimônio; Arquivologia; Fábrica Rheingantz; Redes sociais

ABSTRACT

The Rheingantz Factory and its history built in the city of Rio Grande became relevant to the research topic due to its importance and constancy in the page of social networks that talk about local history. Thus, the choice of the theme presented was built from a Master's research in Cultural Heritage developed at UFSM (RS) and aims to demonstrate the potential of social networks in the dissemination and remembrance of the photographic collection about the Fábrica Rheingantz on the page Facts and Things From Antanho do Rio Grande (RS). The theme includes the industrial heritage of the city of Rio Grande. The group hosted on the social network Facebook, object of this research, is presented, as well

as the theoretical foundation that underpins the research theme. The results, developed from the specific objectives of the survey of photographs that comprise the temporality from 2017 to 2020 that address the theme of the Factory in the publications, the analysis of the social analysis of the social collaboration of the object of this research in the dissemination of the history of Rheingantz, the verification of the clippings of reports in the posts and verifying the relevance of the diffusion of this heritage to the new generations and the production of a selective catalog of the selected photographs as a product of dissemination of the Riograndino documentary collection.

Keywords: Heritage; Archival science; Rheingantz Factory; Social networks

1 INTRODUÇÃO

A Fábrica Rheingantz, indústria têxtil de Rio Grande (RS), é conhecida como uma construção de interesse cultural a todos os riograndinos. Sua imagem representa tempos de glória da cidade e de muitas histórias. A partir dela, as famílias tiveram seu sustento, sua moradia e seu desenvolvimento. Sua relevância é evidenciada a partir da presença nas memórias das redes sociais com a difusão e a rememoração da história a partir das fotografias sobre a indústria publicadas no grupo do *Facebook* Fatos e Coisas de Antanho do Rio Grande.

O Grupo foi criado em 2014 por Ronaldo Morgado Segundo, morador de Rio Grande, um dos municípios mais antigos do estado do Rio Grande do Sul (RS), localizado no extremo sul do Brasil. O Grupo, administrado por Ronaldo e Rosana Joy, tem por objetivo manter viva a história, as tradições, as lendas urbanas, o folclore, as artes e tudo que venha a contribuir para futuras pesquisas sobre Rio Grande, tendo seu foco no século XX. A ideia é disseminar, através de depoimentos e fotografias, as histórias e memórias individuais sobre a cidade e sua população.

Em outubro de 2021, o grupo contabilizava mais de 40 mil membros, tendo 250 publicações só no mês de setembro do mesmo ano. As pessoas que interagem no grupo possuem idade variada, tendo 60% da presença feminina e a faixa etária mais ativa entre 35 e 64 anos. O nome foi escolhido a partir da coluna Fatos e Coisas de Antanho escrita por Daoiz Costa de La Rocha no *Jornal Rio Grande* (1913-1996). Nesse espaço eram publicados fatos pitorescos da cidade, histórias e passagens engraçadas.

A pesquisa de Mestrado em Patrimônio Cultural realizada na UFSM, da qual resulta este artigo, teve o objetivo de compreender como as redes sociais cooperam com os cidadãos riograndinos na rememoração e difusão do patrimônio histórico e social, a partir de fotografias da Fábrica Rheigantz publicadas em um grupo criado no *Facebook*. O grupo pesquisado tem como membros pessoas que queiram divulgar seu acervo fotográfico pessoal, seu conhecimento sobre a cidade e/ou sobre fatos locais. Como produto da dissertação, foi feito um Catálogo Seletivo a partir da seleção de fotografias do grupo público relacionadas à Fábrica, divulgando parte do Patrimônio Documental riograndino.

Diante disso, os objetivos propostos a fim de alcançar o resultado da pesquisa foram o levantamento fotográfico a partir das postagens realizadas no grupo, compreendendo o período de publicações entre fevereiro de 2017 a setembro de 2020. Após essa seleção, tem-se por objetivo identificar a colaboração social do Grupo na disseminação da história da Fábrica Rheingantz, a partir de fotografias publicadas nele e analisar os relatos dos membros enquanto transmissores da história e de seus conhecimentos sobre a Fábrica, além da importância dessa atividade na difusão às novas gerações.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Em 1873, em Rio Grande (RS), foi fundada a Fábrica Nacional de Tecidos e Panos de Rheingantz & Vater por Carlos Guilherme Rheingantz em sociedade com o sogro, Miguel Tito de Sá e com o empresário alemão Hermann Vater. A Fábrica entrou em funcionamento em novembro de 1874 sendo pioneira no setor industrial têxtil no sul do país, com pouco capital e produção em pequena escala. A partir de 1884 foram construídas diversas casas para abrigo dos operários, muitos deles imigrantes europeus contratados a fim de reforçar a mão de obra especializada, sendo conhecido este local como Vila Operária. É perceptível que os construtores da Vila, apesar de tornarem-se anônimos com o decorrer do tempo, conheciam modelos internacionais arquitetônicos.

De acordo com Schiavon e Sbabo (2015, p. 47), “com a finalidade de atribuir maior assistência às funcionárias, a fábrica disponibilizava locais¹ para a permanência dos filhos das operárias, estabelecendo um calendário escolar específico e regular”. Em 1881, iniciaram-se as aulas para os operários menores de idade nas instalações da Fábrica, os quais trabalhavam em um turno e estudavam no outro. O objetivo era qualificar os trabalhadores.

Carlos Guilherme Rheingantz, de acordo com Paulitsch (2003), era natural de Pelotas (RS), filho de Jacob Rheingantz², natural da Renânia (Alemanha), e de Maria Carolina Van Fella, nascida em uma fragata dinamarquesa ao entrar na Barra de Rio Grande. Carlos estudou na Europa trazendo de lá experiência tecnológica e organizacional para seus negócios. Em 1873 casou-se com Maria Francisca de Sá.

Schiavon e Sbabo (2015) entendem que a Fábrica impulsionou o cenário econômico regional e nacional a partir do comércio interno e externo de lã processada de procedência de propriedade rurais gaúchas de Bagé, Santana do Livramento, Uruguaiana e Santa Vitória do Palmar, contando com cerca de 1200 trabalhadores. Entretanto, a sociedade entre genro e sogro não durou muito e, em seguida de sua fundação, a sociedade logo tem fim. Carlos então assumiu sozinho a empresa, mudando o nome para Fábrica Nacional de Tecidos de Lã de Rheingantz & Cia. Em 1876 a Fábrica passou por ampliações e, a partir de 1882, passou por sucessivos aumentos de capital e material. Em 1885 a construção do novo edifício localizado na antiga Estrada da Mangueira ficou pronta e foi realizada sua inauguração em 7 de março.

A Fábrica dava atendimento aos funcionários, possibilitando assistência social, casa, escola, biblioteca, assistência médica, cooperativa de consumo, banda de música e esportes, todas ofertadas e estimuladas pela direção da Fábrica. Portanto, em 1886, a Câmara de vereadores nomeou a antiga Estrada da Mangueira como Rua Rheingantz, que de um lado continha a vila operária com casas destinadas aos funcionários, e

¹ Um dos locais era o Grupo Escolar Comendador Rheingantz.

² Jacob Rheingantz foi o fundador da Colônia de São Lourenço em 1858 na serra dos Tapes, à margem do rio Camaquã, município de Pelotas – Rio Grande do Sul.

do outro, construções melhor equipadas, que eram destinadas aos funcionários de maior posição. Ou seja, as casas dos mestres, o grupo escolar, o jardim de infância, o cassino dos mestres, o ambulatório médico e o armazém cooperativo.

Paulitsch (2003) relata que em 1891 ocorreu novamente uma mudança de nome, tornando-se Sociedade Anônima União Fabril e Pastoril, e em 8 de julho de 1895, após a sociedade que deu origem a Rheingantz & Vater ser desfeita, ela passou a se chamar Companhia União Fabril. Mas a tradição remete ao primeiro nome até os dias atuais. Em 1909, morreu o fundador Carlos Guilherme Rheingantz.

Em meados de 1920 ocorreram crises em decorrência do crescimento das instalações de outras empresas do ramo na cidade. Em 1950, com a crise mais intensificada, a tentativa de modernização a partir da contratação da empresa norte-americana Wernertex³ e o confronto com métodos tradicionais dos mestres alemães, tornou-se ainda pior. Em 1961 ocorre a venda da empresa para o grupo Abdala de São Paulo, dirigido por João Abdala e Cia, de diferentes ramos e responsável pelo sucateamento da fábrica e a revolta dos trabalhadores.

Ferreira (2013) narra que em 1962 ocorreu o fechamento da creche associada à Fábrica e, quatro anos depois, o encerramento da “Sociedade Mutualidade”, que foi fundada em 1881 para gerir fundos de auxílio aos funcionários e servir de cooperativa. Diversos protestos e manifestações dos operários foram realizados dentro e fora das dependências da Fábrica. Eles imploravam pela recuperação da empresa e o pagamento dos diversos meses de salário atrasado. Os funcionários eram aconselhados pelo Sindicato dos Trabalhadores em Fiação e Tecelagem⁴ a irem trabalhar para que garantissem seus direitos e não fossem acusados de abandono de posto. Entretanto, ficavam parados dada a escassez de matéria-prima e a custódia dos equipamentos pela justiça.

³ Implementação do modo de produção através da tecelagem automática (engenharia industrial).

⁴ O sindicato tinha por direção os operários da Fábrica que tornou pública a situação e levou à justiça reclamações trabalhistas. O movimento foi interpelado pela instauração do regime militar, a partir de 1964. A direção do sindicato destituída e nomeado um interventor, Helio Lewis da Silveira.

Em 15 de março de 1968, declarou-se a falência da empresa devido a grande concorrência de confecções uruguaias, com preços menores no mercado. Em 1970, a Fábrica é comprada por um grupo de Pelotas, tornando-se Companhia Inca Têxtil. Devido a concorrência uruguaia, a fabricação de lã parou definitivamente em 1990. De acordo com Ferreira (2013, p.92), “No ano em que fechou a Rheingantz, foram registradas 16 mortes de funcionários da empresa, seja por suicídio ou ‘paixão’”. Anos se passaram desde o fechamento da Fábrica, mas a ideia de manter as memórias e a estrutura viva ainda existia. O Complexo da Fábrica foi mantido aos cuidados de um “zelador” até a morte dele em 2011, o que culminou, a partir disso, para a rápida degradação e muitos casos de vandalismo e furtos.

Como uma proposta para impedir o desaparecimento do prédio e a partir da vontade de recuperação desse passado, manifestado por personagens sociais, vereadores, universidades e ex-operários da Fábrica Rheingantz, ocorreu em 2009 uma audiência de recuperação do prédio enquanto patrimônio histórico da cidade de Rio Grande. Todos esses evidenciavam a Fábrica enquanto patrimônio da cidade.

O processo de tombamento do Complexo Rheingantz foi finalizado em 16 de julho de 2012, e efetivado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Sul sob a portaria SEDAC nº 38/2012. De acordo com Schiavon e Sbabo (2015, p. 31), o tombamento “assegurou o valor histórico, arquitetônico e cultural do Complexo, bem como a importância de o mesmo passar a pertencer ao quadro dos patrimônios culturais do Estado do RS”.

Em fevereiro de 2020 a empresa Innoar Incorporações tornou público seu projeto de revitalização do prédio da Fábrica para posterior abertura ao público, conforme notícia veiculada no Jornal do Comércio. No primeiro trimestre de 2021, a empresa responsável pela Nova Rheingantz expôs suas intenções de implantação de um museu nas instalações do Complexo. A proposta tem a colaboração da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), visando reunir o acervo histórico da Fábrica Rheingantz.

2.1 Aspectos conceituais acerca do patrimônio

A palavra “patrimônio” é criada inicialmente com o sentido de herança, no qual um bem de natureza material ou imaterial é disseminado por gerações. Sua origem é latina e está relacionada com as palavras “paterno” e “pátria”. Entende-se, portanto, como algo relevante que deve ser preservado para que as futuras gerações usufruam.

Fantinel (2017) resume que o entendimento sobre patrimônio surgiu na Idade Média a partir da expansão do cristianismo, na qual a religiosidade e suas relíquias eram valorizadas de forma coletiva. A partir do Renascimento, a valorização passou a ser em torno do homem e seu passado, referenciadas pelas obras gregas e romanas da Antiguidade. Com o surgimento da imprensa, possibilitou-se a facilidade de edição de obras clássicas e, conseqüentemente, seu estudo, gerando a necessidade de colecionar artefatos da antiguidade, chamado de “Antiquariado”.

Com a Revolução Francesa, passou-se a promover a preservação do patrimônio em sentido coletivo, de forma a incentivar a difusão de valores e costumes em comum, criando-se vínculos de identidade e pertencimento a grupos. Assim, houve o fortalecimento da cidadania e da história nacional. Em 1887, na França, surgiu a primeira lei de proteção ao patrimônio. Em 1945 foram criadas a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). A ONU e a UNESCO são órgãos internacionais com a missão de fomentar a criação de pesquisas em benefício da preservação do patrimônio cultural da humanidade.

No Brasil, em 1936, criou-se o Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), órgão responsável pela tarefa de identificação e tombamento, visando a preservação do patrimônio histórico, cultural e artístico. Em 1937, o Decreto-Lei nº 25 definiu, em seu art. 1º, patrimônio enquanto “conjunto de bens móveis e imóveis existentes, cuja sua conservação seja de interesse público, seja pelas memórias que estes carregam, pela história que contam, pelo valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico” (Decreto-Lei n. 25, 1937).

Com a expansão da noção de patrimônio, sua definição torna-se a composição de bens materiais ou naturais que foram desenvolvidos ou preservados ao passar do tempo. Possuindo então ligação com a cultura e a identidade local, fazendo compreender como ocorreu o desenvolvimento de uma determinada sociedade.

2.1.1 Patrimônio Cultural

A definição de patrimônio cultural reconhece a importância e a representatividade social que surge em preservar e valorizar os testemunhos e heranças de um passado. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) conceitua patrimônio como:

[...] conjunto de manifestações, realizações e representações de um povo. Ele está presente em todos os lugares e atividades: nas ruas, em nossas casas, em nossas danças e músicas, nas artes, nos museus, escolas, igrejas e praças. Nos nossos modos de fazer, criar e trabalhar. Nos livros que escrevemos na poesia que declamamos, nas brincadeiras que fazemos, nos cultos que professamos. Ele faz parte de nosso cotidiano, fomra as identidades e determina os valores de uma sociedade. É ele que nos faz serm quem somos. (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [IPHAN], 2012, p. 3).

Em seguimento a contextualização de patrimônio, o patrimônio cultural, segundo Norat (2015), pode ser dividido entre patrimônio cultural material e patrimônio cultural imaterial. O patrimônio cultural material pode se subdividir em bens móveis; edificações, cidades, centros históricos, sítios arqueológicos, dentre outros bens móveis; artesanatos, obras de arte, documentos, esculturas, utensílios etc. O patrimônio cultural imaterial, de acordo com a autora, são os rios, paisagens, cachoeiras, a flora e a fauna, as crenças, as religiões, entre outros que não sejam construídos ou tangíveis. A Constituição destaca que:

Art. 216 – [grifo do autor] Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: (...)

IV - [grifo do autor] as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais. (Constituição da República Federativa do Brasil, 1988).

De acordo com o Dicionário de Conceitos Históricos (2009, p. 85), cultura compreende “todas as realizações materiais e os aspectos espirituais de um povo”. A definição de patrimônio cultural se tornou uma concepção que abrange as diversificadas formas de ser de um povo. É um conjunto de bens que expressam a história de uma sociedade através de seus monumentos, lugares, costumes, comidas, religiões, lendas, cantos, danças, linguagem, rituais e festas. O prestígio do patrimônio cultural está na possibilidade de proporcionar aos indivíduos a aquisição de conhecimentos para o entendimento da história local, identificados em sua própria história.

Desta forma, entende-se por cultura um conceito amplo de representação de um conjunto de tradições, crenças e costumes de determinado grupo social, que são repassados através da comunicação social às gerações seguintes. É um complexo que inclui o conhecimento, a arte, a moral, a lei, o credo, a conduta e a capacidade, bens adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade.

2.1.2 Patrimônio Documental

A UNESCO defende que os arquivos e seus documentos integram as medidas de preservação das manifestações culturais de um grupo, sendo considerados elementos formadores do patrimônio cultural. Enquanto patrimônio, os documentos arquivísticos são o reflexo das atividades e produto das ações humanas e institucionais, que pelo seu valor histórico, assumem o caráter de guarda permanente. Esse valor, enquanto permanente, configura-os como patrimônio documental arquivístico.

Documento, para o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (Arquivo Nacional, 2005, p. 73), é a “unidade de registro de informações, qualquer que seja o suporte ou formato”. Fantinel (2017) aborda que:

A criação de um documento é o produto natural do ser humano em registrar suas experiências, vivências e atividades buscando garantir, a partir deste registro em um suporte físico, a perpetuação do seu legado de natureza cognitiva, intelectual, do registro do modo de ser, viver e de fazer, servindo de referência à memória, às ações e saberes futuros. (Fantinel, 2017, p. 41).

A definição de patrimônio arquivístico dada pelo Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística é de ser “o conjunto de arquivos de valor permanente, públicos ou privados, existentes no âmbito de uma nação, de um estado e de um município” (Arquivo Nacional, 2005, p. 130).

A preocupação em preservar as fontes documentais do patrimônio arquivístico, entretanto, transforma-se em um grande desafio após a utilização da internet, tornando expressivo o volume documental produzido. Esse desafio exige um maior esforço e conhecimento na hora de preservar as informações produzidas digitalmente para que se mantenham íntegras e acessíveis ao longo do tempo.

O projeto interPares⁵ da UNESCO e a Câmara Técnica de Documentos Eletrônicos (CTDE) do Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ), são algumas manifestações a fim de garantir a preservação do passado às gerações futuras. Em 2003, a UNESCO lançou a “Carta sobre a Preservação do Patrimônio Digital”, publicada pelo CONARQ em 2005. A Carta manifesta a preocupação mundial com a preservação do patrimônio digital da humanidade abordando a possibilidade de que estes documentos produzidos unicamente em meio digital, possam vir a se perder tanto pela falta de políticas de preservação quanto pela obsolescência do suporte.

2.1.3 Patrimônio Industrial

Em meados de 1950, na Inglaterra, surgiu a preocupação com a preservação da herança industrial. Foi nesse período que surgiu o termo “arqueologia industrial”, que ganhou maior destaque após as destruições de prédios em Londres, no início de

⁵ Desde 1998, e coordenado por Duranti, o projeto foca da preservação a longo prazo dos documentos arquivísticos digitais. Disponível em: <http://www.interpares.org/welcome.cfm>. Acesso em: 28 jul. 2021.

1960. Para Rosa (2011), a arqueologia Industrial seria uma metodologia adequada ao estudo dos restos físicos das atividades industriais. No Brasil, as discussões em torno da preservação das heranças industriais se iniciam na década de 1960, sendo objeto do primeiro tombamento pelo IPHAN a Real Fábrica de Ferro São João de Ipanema, em Iperó, São Paulo, em 1964.

O conceito de patrimônio industrial é consolidado de forma gradual a partir do reconhecimento dos seus múltiplos valores. O valor histórico e de testemunho representa um momento específico da evolução das atividades humanas. Já o valor social documenta a experiência do trabalho industrial. O valor tecnológico registra as transformações técnicas e tecnológicas dos processos industriais. O valor científico serve como fonte para os estudos científicos de diversos campos, e o valor arquitetônico busca refletir em seus projetos a função específica que deveria realizar.

Alguns documentos foram surgindo em benefício da preservação da herança industrial, e um deles é a Carta de Nizhny Tagil (2003), criada pela Comissão Internacional para Conservação do Patrimônio Industrial (TICCIH), que define Patrimônio Industrial como:

O patrimônio industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infraestruturas, assim como os locais onde se desenvolvem atividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou educação. (Comissão Internacional para Conservação do Patrimônio Industrial [TICCIH], 2003, p. 3).

Melo (2012, p. 27) explica que a Carta demonstra “o quanto é complexa e necessária a preservação dos elementos formadores dos ambientes fabris, apontando para a importância de pesquisas interdisciplinares nessa área”. Rosa (2011) diz que a Carta de Nizhny Tagil foi complementada em 2018 pela Carta de Sevilha, que destaca o valor cultural dos testemunhos materiais e imateriais vinculadas à produção.

Ferreira (2013, p. 22) afirma que patrimônio industrial “nos remete à ideia de uma inversão de funções e sentidos: o que antes era lugar de trabalho se transforma em lugar de memória”. Vale destacar o conceito de lugares de memória, que de acordo com Nora (1993, p. 22) “são mistos, híbridos e mutantes, intimamente entrelaçados de vida e de morte, de tempo e de eternidade; numa espiral do coletivo e do individual, do prosaico e do sagrado, do imóvel e do móvel”.

Rosa (2011) entende que o Brasil ainda não desenvolveu um conhecimento teórico, metodológico e prático de forma madura quanto ao patrimônio industrial, bem como a salvaguarda do patrimônio industrial ainda não se faz presente nas políticas públicas nacionais. É relevante levantar e conhecer também o seu entorno, o que demonstra as relações entre indivíduo e fábrica.

2.2 Fotografia enquanto documento e elemento cultural

Em meados do século XIX surge na Europa a possibilidade de captar imagens em material fotossensível a partir da exposição de um objeto em local claro (luz solar). O precursor foi o francês Joseph Nicéphore Niépce, o qual obteve uma vista descortinada em seu sótão para a captura. Outro nome que é referência como produtor da fotografia é Louís-Jacques Mandé Daguerre, que em 1837 guardou uma placa sensibilizada com iodeto de prata em seu armário e, no dia seguinte, observou uma imagem revelada no material, tornando o processo conhecido como Daguerreotipia.

A fotografia é definida como o resultado de um processo que permite registrar e reproduzir imagens fixas através de reações químicas em superfícies preparadas para o efeito, pela ação de energia radiante. Seu material iconográfico possibilita o registro de partes do mundo real tal como se apresenta, fazendo com que seja possível a reconstrução de lembranças que se queira relembrar. O processo de captura de uma imagem fotográfica perpassa o ato de reter uma imagem em uma composição de elementos estruturais. Há uma intenção que leva ao registro da imagem, que tem

por objetivo revelar o seu momento a outros, despertar sentimentos, ser objeto de decoração/lembrança, ou até mesmo ser esquecida.

Com a ampliação do termo “documento”, possibilitado pela Escola dos Annales⁶ em 1929, os acervos fotográficos passaram a ser utilizados como fontes diferentes das textuais, habitualmente abordadas. Moreira (2016) afirma que a partir de 1970 a fotografia torna-se um importante documento para registro da memória de forma fidedigna. Sua utilização é variada, sendo em fontes históricas, registros de lembranças, fornecimento de provas, de testemunhos e de informações. “A fotografia é um registro da realidade validando o que foi fotografado, sendo assim, um exemplo de um documento fidedigno, autêntico, uma fonte de informação e um instrumento de comunicação, usado como forma de preservação da memória” (Moreira, 2016, p. 12).

A fotografia tem diversos elementos que a caracterizam como documento, ressaltando-se aqui o valor atribuído enquanto prova, evidência e fonte histórica. Kossoy (1999) defende que a fotografia fornece provas, refletindo a realidade de uma sociedade, seus valores culturais e memória de sua população. Ela é dotada de informação, dedução e história. Por ela é possível a interpretação de um momento que, se não tivesse sido registrado fotograficamente, talvez não fosse tão presente. Em vista disso, a fotografia torna-se um registro do fato real, interpretado de diversas maneiras.

Enquanto patrimônio, registrar os fatos importantes é uma forma dos homens comprovarem suas trajetórias e realizações, uma forma de recordação da vida familiar, de divulgação dos fatos, de divulgação artística ou mesmo uma forma de instrumento de pesquisa científica. Deste modo, a fotografia tem feito parte da experiência humana de forma indissociável.

A importância da informação que uma fotografia traz é dada na medida em que ela contextualiza a história em seus segmentos (sociais, políticos, econômicos, religiosos, culturais etc.). Caso contrário, as imagens perdem seu valor sendo esquecidas pelo tempo. É diante desses fatores que a fotografia apresenta contexto

⁶ Movimento historiográfico do século XX, tendo se destacado por incorporar métodos das Ciências Sociais à História. Fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch em 1929.

histórico e cultural. Nota-se que é relevante a necessidade de preservar registros e, dessa forma, o processo de digitalização fotográfica ganha destaque.

2.3 Redes sociais: instrumento de difusão da memória coletiva

Desde a criação das formas de registrar a informação, o ser humano busca meios de perpetuar as memórias por ele construídas. De acordo com Santos e Albuquerque (2017), na Grécia Antiga, tinha-se a necessidade de evocação da memória, o que levou ao aprofundamento da memória oral, que era a passagem da memória de um indivíduo para outro através da fala. Porém, a oralidade trouxe a problemática do esquecimento. A transmissão da memória passou da forma oral para o registro dessas informações, trazendo a possibilidade de acesso posterior e sua disseminação.

Le Goff (2003) cita que a memória tem a característica de conservar algumas informações, de forma a procurar salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Diante disso, a memória possui a capacidade de tornar os canais de comunicação enquanto instrumentos de registro e difusão da memória. Passos (2014) aborda que a difusão e o posterior acesso à memória nos canais de comunicação possibilitam a geração de um instrumento de transmissão da identidade, da cultura e da história social de um indivíduo, registrando e transmitindo as lembranças de um coletivo.

Com a evolução da humanidade e das formas de registro das informações criadas, produziram-se os canais eletrônicos como meios de distribuição dessas informações, estando, entre eles, a internet, democratizada a partir década de 1990. Monteiro, Carelli, Pickler (2006) citam que a internet vem se apresentando como o mais significativo meio de comunicação pelo fato de que, nela, qualquer indivíduo pode ser ouvido/lido, desde que tenha acesso à rede. Isso permite que pessoas compartilhem suas impressões, de forma informal e pessoal; e diferente da memória oral, essas impressões ficam registradas no espaço virtual (Dalmaso, 2015 como citado em Santos & Albuquerque, 2017).

A internet trouxe a possibilidade de conexão entre as pessoas de uma forma facilitada, registrando as memórias individuais e coletivas que se tem de diversos acontecimentos. Com o seu aprimoramento, criaram-se as Redes Sociais. Elas, por sua vez, facilitam o compartilhamento de informações, conhecimentos e interesses entre as pessoas, atuando como plataformas que possibilitam a realização de múltiplas conexões e diversas formas de expressão, e transformando as relações humanas.

Rendeiro (2011) descreve as Redes Sociais como locais de produção de memórias, as quais se assemelham às caixas antigas de fotografias, onde eram guardadas e preservadas lembranças de memórias vividas. A necessidade de atualização e registro de lembranças nesse local demonstram certo medo do esquecimento. O escrito preenche o perfil do usuário e as Redes Sociais atuam na construção de uma memória coletiva composta por diversos perfis digitais.

De acordo com Halbwachs (1990), a memória individual necessita da memória coletiva para o preenchimento de lacunas e confirmação dos fatos. Essas memórias coletivas se constituem por relatos de grupos e pessoas, entretanto, as memórias pessoais se dão a partir das lembranças internas ou sociais. A memória coletiva é “uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, já que retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém” (Halbwachs, 1990, p. 81). Reencontrar amigos e criar grupos nesses espaços virtuais permitem a rememoração do passado.

Dalmaso (2015) resume as Redes Sociais como uma grande fonte de criação de informação que possibilita a disseminação a partir do compartilhamento das mais diversas memórias abordadas por relatos e imagens que expressam os mais variados sentimentos descritos pela visão de seu produtor/detentor. A circulação nas Redes Sociais se dá por membros que partilham coletivamente e se expõem para outros.

Enquanto objeto de pesquisa, a rede social *Facebook* é destaque nas interações sociais. De acordo com Recuero (2009), o *Facebook* foi criado em 2004 por Mark Zuckerberg, nos Estados Unidos, e rapidamente se tornou um dos sistemas com a

maior base de usuários do mundo. O objetivo inicial era criar uma rede de contatos para jovens na fase de mudança de vida por conta da Universidade, facilitando relações de estudantes.

A ação de perpetuar lembranças nas Redes Sociais deve ser estudada e analisada, uma vez que a crescente criação e atualização de informações pode causar uma falha na pesquisa de memórias disseminadas. Mecanismos de busca devem ser aprimorados para que essa ferramenta de memória seja fiel na ação de recuperação.

2.4 Instrumento de pesquisa: catálogo seletivo

No processo descritivo de acervos, os instrumentos de pesquisa que identificam, resumem e localizam os documentos de um acervo têm o objetivo de descrever um arquivo, ou parte dele, com a função de orientar a consulta e de determinar sua localização. Eles são um “meio que permite a identificação, localização ou consulta a documentos ou a informações neles contidas” (Arquivo Nacional, 2005, p. 108).

O Catálogo é um instrumento de pesquisa voltado para a descrição analítica das peças documentais sem seguir uma ordem de classificação. É um “Instrumento de pesquisa organizado segundo critérios temáticos, cronológicos, onomásticos ou toponímicos, reunindo a descrição individualizada de documentos pertencentes a um ou mais fundos, de forma sumária ou analítica” (Arquivo Nacional, 2005, p.45). O catálogo seletivo refere-se à descrição de unidades documentais a partir de critérios temáticos, podendo contemplar documentos de fundos distintos. Bellotto (2006) esclarece que ele pode se referir a temas, pessoas ou eventos específicos. Ele agrupa documentos de mesmo assunto, tema ou período, mesmo de diferentes fundos.

O processo de descrição tornou-se uma etapa essencial do trabalho arquivístico na década de 1980, quando a comunidade arquivística, representada pelo Conselho Internacional de Arquivos (CIA)⁷, reuniu-se para um debate sobre a possível criação de uma norma descritiva internacional, de forma a padronizar a descrição dos documentos.

⁷ Organização profissional que promove conservação, desenvolvimento e utilização do patrimônio dos arquivos.

Após 1989, com a criação do Comitê de Normas de Descrição, a representação das informações arquivísticas tornou-se uma etapa essencial. Bellotto (2006) afirma que o processo descritivo exige diversos conhecimentos para que o descritor saiba resumir seus conteúdos sem subtrair nenhuma informação descritiva.

3 MÉTODO DE PESQUISA

A pesquisa buscou produzir conhecimentos com o propósito de realizar a difusão das imagens fotográficas relacionadas à Fábrica Rheingantz e sua história na cidade de Rio Grande (RS) através da criação de um Catálogo Seletivo composto pelas imagens publicadas no grupo do *Facebook* denominado “Fatos e Coisas de antanho do Rio Grande”.

De acordo com a abordagem do problema, a pesquisa é classificada como qualitativa. Quanto aos objetivos, é exploratória e descritiva. Exploratória por levantar conceitos e o tema abordado na pesquisa, a fim de conhecer a história da Fábrica durante seu funcionamento. É descritiva, porque os dados coletados do grupo são analisados e descritos de forma neutra e sem manipulação. Foi feita a aplicação de um questionário ao administrador do Grupo do *Facebook* em questão.

Quanto aos procedimentos técnicos, é um estudo de caso, pois “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos casos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento.” (Gil, 2017, p. 38), assim como o estudo do Grupo “Fatos e Coisas de Antanho do Rio Grande” e suas publicações a respeito da Fábrica.

A pesquisa desenvolveu-se em cinco etapas: a elaboração do contexto de pesquisa, a fundamentação teórica, coleta das fotografias e dados das postagens no grupo do *Facebook*, e a realização do produto Catálogo Seletivo com as imagens selecionadas.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Realizou-se um levantamento das publicações feitas por membros do grupo a partir de respostas às palavras-chave “Fábrica”, “Rheingantz”, “Rheingantz &

Vater” e “União Fabril e Pastoril”. Todas as postagens foram coletadas e salvas no espaço digital, em uma pasta do *drive*, nas quais foram identificadas as seguintes informações: nome do membro que publicou a postagem, data e hora de postagem, a(s) fotografia(s) postada(s), descrição da postagem, número de curtidas, comentários e compartilhamentos e a transcrição dos comentários em forma de texto. Toda a coleta de publicação compreendeu o período de publicações entre fevereiro de 2017 a setembro de 2020, a fim de delimitar o período da pesquisa.

Cabe ressaltar que há postagens anteriores e posteriores ao período delimitado correspondentes ao tema, porém, devido ao número excessivo de postagens dessa temática, fez-se o recorte. As fotografias, obviamente, não se encontram em sua fonte original de criação, sendo muitas digitalizadas ou fotografias da imagem original.

Foram encontradas 68 postagens com fotografias sobre a temática em foco. As imagens foram salvas, as postagens passaram por captura de tela, bem como cada comentário feito na publicação. As 68 postagens encontradas somaram 3.008 comentários, 13.247 curtidas/reações e 2.352 compartilhamentos. No ano de 2017 ocorreram 13 publicações com as palavras-chave selecionadas, tendo como período de maior número de postagens que abordassem os critérios estabelecidos na pesquisa o mês de março, com três publicações. Em 2018 foram 14 publicações, mantendo março como mês de maior número de publicações, sendo quatro delas. O ano de 2019 soma 14 publicações dentro das palavras-chave, sendo três em maio e três em setembro, tornando-os ambos os meses com maior número de publicações. Já 2020 tem um aumento substancial, somando 26 publicações, sendo cinco delas no mês de setembro, tornando-o o mês com maior número de publicações.

Quanto à interação de membros, temos C.C. com maior número de postagens, totalizando 10, seguido por V.C., com oito postagens, e o criador e administrador do grupo, Ronaldo Morgado Segundo, com quatro publicações que abordam as palavras-chave de pesquisa. Desta forma, durante o levantamento dos dados mencionados nesta seção, pode-se identificar que o tema possui uma grande discussão dentro da

página e que a interação dos membros é significativa, especialmente se comparado a outros temas debatidos a partir de postagens.

4.1 O grupo e a colaboração para a preservação e difusão da história da Rheingantz

Criou-se um questionário com dez perguntas dissertativas a fim de conhecer o objetivo da criação do grupo, os administradores, a finalidade e a importância do grupo para o moderador, Ronaldo Morgado Segundo. Após, realizou-se uma análise das publicações selecionadas e seus comentários, visando entender a contribuição do grupo. Foi possível identificar que o criador e moderador do grupo é um amante da história local, que mesmo seguindo outras carreiras decidiu dedicar-se ao grupo que visa compartilhar memórias, acontecimentos, curiosidades e sentimentos nostálgicos sobre a cidade de Rio Grande, com postagens de forma aberta aos membros. Essas postagens possuem muitas interações.

Os membros são de variadas idades, religiões, crenças, gênero e cor, porém todos têm um objetivo em comum, que é o conhecimento da história de Rio Grande. Alguns são membros assíduos nas postagens, outros nos comentários, alguns sabem muito da história, outros têm dúvidas a sanar, já alguns, só observam. O grupo pode ser considerado como um ambiente que estimula lembranças a outros indivíduos. Possui características de um grupo focal, o qual possibilita a coleta de informações a partir da interação e comunicação de seus membros sobre determinada temática.

Em relação à Fábrica Rheingantz e a disseminação virtual de sua história, o grupo se faz muito relevante. As postagens que têm referência à Fábrica são muitas, e há relatos nos comentários de postagens referentes a outros temas. Muitos dos assuntos postados no grupo acabam tendo uma ligação ou semelhança com a história da Fábrica, que foi pioneira em sua atividade, fazendo com que fosse em muito atrelada à própria história da cidade. Um exemplo é o pórtico de Rio Grande, que foi

construído em 1950 em forma de uma máquina de costura como uma representação da importância da indústria têxtil para a cidade.

O grupo Fatos e Coisas de Antanho do Rio Grande leva às novas gerações o conhecimento de uma história que não foi vivida, porém, que faz parte do desenvolvimento e da cultura da cidade. Ele proporciona a quem viveu, reviver, e a quem não viveu, conhecer.

4.2 Uma história por trás dos relatos virtuais

Os relatos realizados em publicações e/ou comentários no grupo pesquisado podem ser considerados um fator de reconhecimento. É a partir das postagens que os membros se sentem reconhecidos e importantes. Há quem participe por deter o saber e a história, quem se sinta útil, quem valorize ter voz, quem queira realizar uma troca de informações entre gerações e há quem sabe pouco e queira apenas tentar reconhecer o patrimônio local como seu, pertencente a si. Através desses, também se faz possível a construção de uma memória, possibilitando a reconstrução de uma sequência de fatos a fim de formar uma história completa sobre a Fábrica Rheingantz.

É evidente que o grupo se torna, aos usuários, um espaço de produção de subjetividades e memórias. No grupo é rememorada, suscitada e preservada a identidade e a memória, as quais evidenciam indivíduos que desejam ser notados, apreciados, compreendidos, além de procurarem estabelecer uma relação um tanto íntima com outros usuários a partir de seus relatos. A partir do levantamento das postagens e principalmente de seus comentários, é possível analisar exemplos de expressões de sentimentos e memória afetiva.

Percebe-se, pelos comentários, o orgulho dos depoentes em ter suas vidas cruzadas com a história da Fábrica e toda a estrutura que a empresa contava. Isso se revela em trechos desses discursos tais como: “eu conheço tudo da antiga Rheingantz” ou “eu estudei no G. E. Com. Rheingantz... morei na Rheingantz”. De outro lado, há a questão informacional também presente nessas postagens, como: “os empregados

moravam perto do emprego o que possibilitava o almoço com a família” ou ainda “Após a morte de seu fundador seus descendentes não souberam modernizar a empresa”, justificando a crise e o fechamento.

Há ainda postagens que acabam acarretando correções de informações vinda de outros membros. No caso das tentativas de correções em cadeia, observa-se uma verdadeira interação onde o comentário de um é acrescido ou corrigido por outro. Assim ocorre quando um usuário informa como se chamava a empresa em determinado período e outro membro identifica que a própria fotografia traz informações sobre a denominação.

São comuns as postagens com a edificação da Fábrica. Muitos usuários sentem-se nostálgicos ao ver a antiga forma da Fábrica Rheingantz em bom estado de conservação. Isso se dá pelo fato de ter sido abandonada, depredada e esquecida⁸. As postagens trazem alguns dos prédios mais conhecidos e emblemáticos do complexo da Rheingantz. Apenas três postagens sobre as edificações já tinham mais de 70 compartilhamentos.

Em mais um exemplo de subtemas dentro do tema Fábrica Rheingantz, temos as tradições expressadas em vestimentas da época, fabricadas pela Fábrica Rheingantz. As roupas com a etiqueta da Fábrica ficaram famosas na cidade pela durabilidade e, o mais importante, por ser local e criada pelas próprias mãos de cidadãos riograndinos. Em muitas dessas postagens são expressados o apego afetivo às peças, ressaltando a qualidade superior, durabilidade e utilidade; ainda hoje, o destaque é para o Poncho. Quem faz a postagem pergunta: “Quantos afetos e memórias um poncho carrega?” e acrescenta a *hashtag* com as palavras-chave Semana do Patrimônio. Outra postagem mostra a sofisticação que o vestuário ali produzido poderia agregar mostrando uma modelo alinhada e bem-vestida. O texto salienta o “charme da donzela nos seus 30 anos” atualizando que a modelo ainda é “bonita”, “saudável” e “simpática”, mesmo passados mais de 50 anos.

⁸ Durante a escrita da dissertação, o patrimônio material teve mudanças. Os prédios da antiga Fábrica Rheingantz foram comprados pela Innoar Participações e Incorporações Ltda e revitalizados.

Também há a descrição do modo trabalhar quando realizado pelas mulheres funcionárias da Fábrica. Há na imagem três tecedeiras preparando um tapete com muitas informações a respeito do registro. É possível verificar a vestimenta das trabalhadoras, estando as três de saias longas, com camisas de manga curta, cintos e usando um padrão de cabelos: curtos, escuros, cacheados e na altura dos ombros. Não havia qualquer preocupação com o uso de luvas ou outros equipamentos de segurança, nem com o conforto tendo em vista os bancos de madeira nos quais estão sentadas e a posição das pernas das funcionárias. No texto, retirado da Revista Paulista de Indústria de 1955, é evidenciada a presença do gênero nos quadros da empresa.

4.3 O catálogo seletivo como produto da pesquisa

O produto da Dissertação de Mestrado em Patrimônio Cultural da UFSM é um catálogo seletivo, denominado “As lembranças virtuais e coletivas da Fábrica Rheingantz de Rio Grande”, que visa demonstrar parte da importante colaboração das redes sociais, neste caso do *Facebook*, na disseminação da história do patrimônio cultural da cidade a todos, independente de terem presenciado ou não seu funcionamento e enredo.

A construção do catálogo englobou parte das 68 fotografias selecionadas. As descrições foram coletadas a partir das legendas das fotografias, das interações dos membros nos comentários e da pesquisa acerca da história da Fábrica. Das 68 fotografias apenas 30 foram inseridas no catálogo seletivo, já que muitas repetiam ou estavam em péssima qualidade de visualização.

O catálogo tem 99 páginas, pois para cada uma das fotografias há duas páginas de descrição. A capa traz duas imagens em Preto & Branco selecionadas do Grupo Fatos e Coisas de Antanho do Rio Grande, as quais são descritas no decorrer do catálogo. Após a capa, o catálogo traz uma breve apresentação, o sumário e uma página de informações. Depois da descrição das 30 fotografias, apresentam-se os agradecimentos e as logomarcas relativas ao Mestrado, ao Centro de ensino ao qual ele pertence e à UFSM.

A descrição das fotografias foi baseada na Norma Brasileira de Descrição Arquivística, a NOBRADE, utilizando seus campos obrigatórios de descrição. Entretanto, ressalta-se que algumas informações não foram possíveis de serem identificadas diante do fato de que as imagens são apenas representantes digitais das originais em papel fotográfico, como por exemplo, a cromia e suas dimensões. Os elementos de descrição são baseados apenas em evidências.

O acervo documental foi considerado enquanto coleção, identificando o conceito dado pela própria NOBRADE como “conjunto de documentos com características comuns, reunidos intencionalmente” (Conselho Nacional de Arquivos [Conarq], 2006 p. 14). Quanto as nomenclaturas usadas, o código de referência BR RS FCARG é: BR – Brasil; RS – Rio Grande do Sul; FCARG – FCA = Fábrica RG= Rheingantz. Quanto aos pontos de acesso, utilizou-se apenas a palavra-chave de pesquisa, a qual obteve-se como resultado a imagem em questão.

A difusão do produto se dá no meio digital. Os canais que aceitaram participar da difusão do produto desta pesquisa foram: o Grupo Fatos e Coisas de Antanho do Rio Grande (página do *Facebook*); *Instagram* Nova Rheingantz; Curso de Arquivologia da Universidade Federal do Rio Grande (site oficial, página do *Facebook* e *Instagram*); Arquivo Geral da Universidade Federal do Rio Grande (página no *Facebook*); Arquivo da Prefeitura Municipal do Rio Grande (site oficial); Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria (site oficial e página no *Facebook*); Laboratório de Paleografia Profa. Eneida Izabel Schirmer Richter (LAPPEI) da UFSM (página no *Facebook*); Biblioteca Pública Municipal Delfina da Cunha (material impresso); além de *Facebook* pessoal de pessoas interessadas.

Espera-se que o produto apresentado cumpra o propósito de difusão, contribuindo para a preservação da história de parte do patrimônio da cidade e da própria Fábrica Rheingantz. A internet e as redes sociais são grandes arquivos virtuais, mas sem a certeza de estar disponível amanhã, justificando a tentativa de cristalizar a presença desse acervo em um local com alguma garantia de preservação: o produto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As redes sociais são ferramentas que auxiliam na propagação da memória local, resultando na formação e/ou consolidação/reforço de identidade, e podem ser vistas e caracterizadas como ambientes de produção e difusão da memória e preservação da história. Essa disseminação é acessível apenas a quem tem acesso à internet, na qual indivíduos sem condições financeiras ou que optem por não as acessarem, não estarão em contato com essa forma de compartilhamento da memória.

É grande o potencial das redes sociais quando utilizadas para aproximar a comunidade através de seus relatos, contação de histórias e de vivências sociais. A tecnologia pode servir para que as memórias coletivas sejam preservadas, salvaguardando a história de grandes momentos e de patrimônios. Não há, no entanto, um planejamento de recuperação das publicações e comentários, nem mesmo em grupos em que o fluxo de postagens é intenso, porém variado e até disperso.

O profissional arquivista tem papel estratégico diante das possibilidades e informações que a internet possui, sendo o intermediário nesse meio em que há falta de informação, mas também o excesso dela, sendo necessária uma seleção. As publicações podem ser retiradas da plataforma a qualquer momento e/ou o grupo simplesmente ser deletado, e isso revela a importância do produto que salvaguarda a memória.

O objetivo geral de demonstrar o potencial das redes sociais para a difusão e para a rememoração da história da cidade de Rio Grande (RS), em especial da Fábrica Rheingantz, aos cidadãos riograndinos a partir de acervos fotográficos publicados em rede social, foi concluído com êxito. As redes sociais, bem como o grupo em questão, demonstram que suas narrativas atuam para a construção abundante de uma memória coletiva universal, composta por múltiplas vozes.

Quanto ao uso de fotografias, elas são documentos que têm por objetivo revelar um momento que é congelado. Os personagens envelhecem e morrem, os cenários

já não são mais os mesmos ou nem existem mais, mas restam as evidências visuais. A partir das postagens com fotografias nas redes sociais, recria-se uma memória, dissemina-se uma história e preserva-se um passado.

REFERÊNCIAS

ARQUIVO NACIONAL. **Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. Recuperado de http://www.arquivonacional.gov.br/ima-ges/pdf/Dicion_Term_Arquiv.pdf

BELLOTTO, H. L. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

COMISSÃO INTERNACIONAL PARA CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL. **Carta De Nizhny Tagil**, 2003. Recuperado de <https://ticcihbrasil.org.br/cartas/carta-de-nizhny-tagil-sobre-o-patrimonio-industrial/#:~:text=As%20%C3%A1reas%20de%20res%20duos%20industriais,na%20planifica%C3%A7%C3%A3o%20regional%20e%20nacional>

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS. NOBRADE. **Norma brasileira de descrição arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006.

DALMASO, S. A construção da memória nos sites de redes sociais: Percepções sobre experiências no Facebook. **Anais do Encontro Nacional de História da Mídia**, Porto Alegre, UFRGS, 2015.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937**. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Disponível em: http://planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm

FANTINEL, E. G. **Arquivo Universitário**: preservação e acesso ao patrimônio documental arquivístico da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. 2017. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2017.

FERREIRA, M. L. M. Os fios da memória: Fábrica Rheingantz entre passado, presente e patrimônio. **Horizontes Antropológicos**, v. 19, n. 39, p. 69-98. 2013.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas. 2017.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais. 1990.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Educação Patrimonial: história, conceitos e processos**. 2012. Recuperado de http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Educacao_Patrimonial.pdf

KOSSOY, B. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

LE GOFF, J. **História e memória: escrita e literatura**. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

MELO, C. **Fragmentos da memória de uma fábrica na coleção fotográfica Laneira Brasileira Sociedade Anônima**. 2012. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, 2012.

MONTEIRO, S.; CARELLI, A.; PICKLER, M. E. Representação e memória no ciberespaço. **Ci. Inf.**, v. 35, n. 3, p. 115-123, 2006.

MOREIRA, M. S. M. **A fotografia como documento arquivístico**. 2016. Monografia. Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2016. Recuperado de <https://periodicos.ufpb.br/index.php/pbcib/article/view/39434>

NORAT, R. **Patrimônio cultural material e imaterial**. Belém: Lacore, 2015.

PASSOS, M. R. **Conservação da memória Política no Twitter: A transmissão da narrativa chavis-ta no microblog**. Alaic, Perú, 2014.

PAULITSCH, V. S. **Rheingantz: uma vila operária em Rio Grande – RS**. 2003. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2003.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RENDEIRO, M. E. L. S. Orkut e Facebook: as teias da memória em meio às redes sociais. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 47, n. 3, p. 256-262, 2011.

ROSA, C. L. **O patrimônio industrial: a construção de uma nova tipologia de patrimônio**. In Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, SP, 2011.

SANTOS, P. W. Q. S.; ALBUQUERQUE, J. P. S. Redes sociais online como espaços de memória: uma visão a partir da página “Recife de antigamente”. **Biblionline**, v. 13, n. 3, p. 107-121. 2017.

SCHIAVON, C. G. B.; SBABO, J. S. Patrimônio industrial em Rio Grande: a estrutura da fábrica Rheingantz a partir do olhar de um operário. **Historiae**, v. 6, n. 2, p. 36-49, 2015.

SILVA, K. V.; SILVA, H. M. **Dicionário de conceitos históricos**. 2. ed., 2. reimp. São Paulo: Contexto, 2009.

Contribuição dos autores

1 – Tatiele Araujo da Costa

Mestra em Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Santa Maria e Especialista em Arquivos Permanentes pela Universidade Federal do Rio Grande

<http://orcid.org/0000-0002-6044-1567> • tatielecosta.a@gmail.com

Contribuição: investigação

2 – Fernanda Kieling Pedrazzi

Professora Associada 1 – Departamento de Arquivologia/CCSH/UFSM

<https://orcid.org/0000-0001-6242-8764> - fernanda.k.pedrazzi@ufsm.br

Contribuição: supervisão

Como citar este artigo

COSTA, T. A. da; PEDRAZZI, F. K.. O acervo fotográfico da Fábrica Rheingntz em redes sociais: difusão do patrimônio documental. **Revista Sociais e Humanas**, Santa Maria, v. 36, e67976, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2317175867976>. Acesso em: dia mês abreviado. ano.